



Leia e assine!

Apelo aos Cidadãos do Norte Global: Devemos Apoiar a Construção de uma Nova Ordem Econômica Mundial Justa!

por Helga Zepp-LaRouche



A cúpula dos países do BRICS, que ocorreu de 22 a 24 de agosto em Joanesburgo, África do Sul, apesar de todas as tentativas ocidentais de interrompê-la, demonstrou ao mundo inteiro que uma nova ordem econômica mundial surgiu, abrindo um novo capítulo na história da humanidade. As nações do Sul Global, que já representam a grande maioria da população mundial, estão expressando sua determinação efetiva de encerrar para sempre o período passado de cerca de 600 anos de colonialismo e estabelecer um sistema econômico que incentive o desenvolvimento soberano e equitativo de todos os estados da Terra, a eliminação da pobreza e a criação de um padrão de vida decente para todos. Nós, cidadãos do Norte Global e do mundo inteiro, devemos parabenizar de todo o coração esse desenvolvimento e apoiá-lo por meio de cooperação prática!

É essencial uma análise correta de como ocorreu essa mudança tectônica na situação estratégica. Essa formação de um novo modelo econômico não é o resultado do trabalho de "trolls russos" ou da "agressão chinesa", como a grande mídia quer nos fazer acreditar. Em vez disso, é o resultado de um enorme erro de cálculo estratégico por parte de forças principalmente dos EUA e da Grã-Bretanha, que, após a dissolução da União Soviética, erroneamente se viram como os vencedores da Guerra Fria, e derivaram disso a licença para impor seu modelo econômico neoliberal em um mundo unipolar e para aplicar os vários métodos de "mudança de regime" a todos os governos que não querem se conformar com essa "ordem baseada em regras".

A oportunidade histórica de 1989, de estabelecer o que era então uma ordem de paz perfeitamente possível para o século XXI, foi desperdiçada e substituída pela Doutrina Wolfowitz dos neocons norte-americanos e pelas políticas de Brzezinski, que foram projetadas para consolidar a ordem mundial unipolar dominada pelos EUA e pela Grã-Bretanha, que decretou que nenhuma nação ou grupo de nações jamais superaria os Estados Unidos econômica, militar ou politicamente.

Esse suposto "fim da história" que Fukuyama acreditava ver, envolvia a completa desregulamentação dos mercados e a ampla privatização de segmentos da economia que antes estavam sob controle do Estado. Agora havia pouco impedimento para a maximização do lucro em uma economia de cassino globalizada, o que levou a uma lacuna cada vez maior entre ricos e pobres e, finalmente, ao ponto que Lyndon LaRouche previu em 1971, quando o presidente Nixon revogou as taxas de câmbio fixas do sistema de Bretton Woods, ou seja, a crise sistêmica do sistema financeiro neoliberal, que se manifestou em 2008 e que não foi resolvida desde então, mas apenas adiada pela impressão ilimitada de dinheiro pelos bancos centrais, o chamado "QE".

Essa política, que essencialmente beneficiou a especulação, levou a uma complexa reação contrária. A China estava disposta a participar da globalização com suas políticas de reforma e abertura, mas, em vez de se submeter ao modelo de democracia neoliberal ocidental, essa civilização de 5.000 anos voltou-se para sua própria cultura, buscando o modelo de socialismo com características chinesas e, assim, deu início a um milagre econômico sem precedentes. A disposição da China de compartilhar a experiência desse modelo bem-sucedido com outras nações do Sul Global, na forma da Iniciativa da Rota da Seda, levou ao renascimento do Movimento dos Não Alinhados e ao renascimento do "espírito de Bandung". Os países do Sul Global estão dolorosamente cientes do fato de que o colonialismo persistiu em sua forma moderna, ou seja, nas condições injustas de comércio e crédito do sistema financeiro liberal, sobre as quais o presidente Sukarno e o primeiro-ministro Nehru já haviam alertado em Bandung há 68 anos.

Esse colonialismo não terminou após o fim da Segunda Guerra Mundial, como o presidente Roosevelt pretendia, mas foi perpetuado por Churchill e Truman. Mas, acima de tudo, depois de 11 de setembro de 2001, sob a bandeira da "guerra contra o terrorismo", os EUA se concentraram em operações militares e de segurança em todo o mundo, no estabelecimento de até 1.000 bases militares e no treinamento de forças militares em quase todos os continentes. Depois, houve várias "guerras humanitárias de intervenção", as guerras no Afeganistão, Iraque, Líbia, Síria etc. Obviamente, a ideia de desenvolvimento econômico nesses países foi deixada de lado.

Não é de se surpreender que, nessas circunstâncias, um grande número de nações do Sul Global esteja optando por cooperar com os países do BRICS, que lhes oferecem crescimento econômico real e tratamento como parceiros iguais. Nisso, e na experiência muito concreta do comportamento das antigas potências coloniais (e da atual potência hegemônica), reside a razão pela qual as nações do

Sul se recusaram a condenar a suposta "guerra de agressão não provocada" da Rússia e a tomar o partido do Ocidente "baseado em regras".

A cúpula do BRICS tornou esse realinhamento histórico visível no mundo de forma tão dramática que até mesmo a grande mídia e as forças políticas (que até recentemente, com sua habitual arrogância eurocêntrica, percebiam os países do Sul Global como locais de férias exóticos) devem tomar conhecimento da nova realidade. Mas a questão mais importante será como as nações do Norte Global se relacionam com essa ordem econômica emergente.

A tentativa de manter o mundo unipolar, há muito extinto, quase certamente levará à Terceira Guerra Mundial, da qual nos aproximamos perigosamente com a situação na Ucrânia, onde o fracasso da contraofensiva ucraniana esgotou a dimensão convencional da guerra, de modo que só resta a opção de encerrar a guerra por meio de negociações diplomáticas ou escalar para o uso de armas nucleares. A noção de que o Ocidente deve se "dissociar" da China e da esfera de influência da BRI (Iniciativa Cinturão e Rota), ou se envolver na "redução de riscos", para usar a nova e ridícula formulação, levaria não apenas à autodestruição econômica, como no caso da Alemanha, mas essa noção também leva à guerra. Pois a divisão do mundo em dois blocos completamente separados - um bloco global da OTAN, dominado pelos EUA, que continua a se apegar ao modelo da economia de cassino, e um bloco do Sul Global, de rápido crescimento econômico, em torno dos países do BRICS - também não permaneceria pacífico.

Há apenas uma maneira segura de resolver as muitas crises existenciais que existem em todo o mundo: Em vez de encarar e se opor ao novo modelo econômico dos países do BRICS como um antagonista, é do interesse das nações do Norte Global cooperar com essa Nova Ordem Econômica Mundial emergente e enfrentar conjuntamente a difícil tarefa de superar a pobreza e o subdesenvolvimento.

Atualmente, há poucos sinais de que os representantes do establishment transatlântico estariam dispostos a admitir seus erros de julgamento e de política dos últimos quase 35 anos, com algumas exceções, como o ex-presidente francês Sarkozy. Mas os cidadãos comuns da Europa e dos EUA devem agora verificar com urgência os axiomas de seu próprio pensamento, perguntando se eles não estão sendo influenciados por um ponto de vista eurocêntrico e pelo racismo latente associado.

Em Fausto, de Goethe, a jovem Gretchen pergunta ao seu amante, Fausto, o que ele acha da religião. Os alemães chamam isso de "pergunta de Gretchen", que pode significar a pergunta que você não quer responder porque expõe o que você mais quer esconder. A pergunta simples de Gretchen sobre o relacionamento do Norte com o Sul é: Será que realmente aceitamos que as coisas fiquem assim para

sempre, que quase um bilhão de pessoas estejam permanentemente à beira da fome, que dois bilhões não tenham água potável, que 940 milhões não tenham acesso à eletricidade e que a grande maioria da humanidade, devido à pobreza, não tenha a capacidade de desenvolver o potencial que lhes é inerente e, portanto, seja roubada do que é um dos bens mais preciosos do homem?

Não devemos ver o surgimento dessa nova ordem econômica simplesmente como algo que já deveria ter acontecido há muito tempo na África, na Ásia e na América Latina, mas também devemos entender que nós também só conseguiremos fazer com que nossas próprias economias em dificuldades voltem a funcionar se cooperarmos com elas. O Presidente Xi Jinping deixou claro desde o início que a Iniciativa do Cinturão e Rota está aberta à cooperação com qualquer país do mundo, e é quase certo que os países do BRICS responderão abertamente às ofertas de cooperação das nações ocidentais.

Entretanto, isso exige que nós, no Ocidente, demonstremos inequivocamente que estamos prontos para uma cooperação honesta. Acima de tudo, isso inclui desistir do conceito de expandir a OTAN para uma OTAN global e trabalhar especificamente em uma nova arquitetura internacional de segurança e desenvolvimento que leve em conta os interesses de todas as nações, inclusive Rússia, Ucrânia, China e todos os outros países. Formulei [dez princípios](#) sobre esse tópico, os aspectos que essa nova arquitetura deve levar em conta.

Todo o nosso futuro, o das nações do Sul Global e, não menos importante, a paz mundial, dependerá se conseguirmos reunir forças suficientes nas nações europeias e nos EUA para aproveitar a extraordinária oportunidade que se apresenta na possibilidade de cooperação com os Estados BRICS-Plus. Atualmente, estamos vivenciando uma mudança de época do tipo que acontece talvez uma vez a cada mil anos, e o melhor é que todos nós podemos ajudar a moldar essa nova era por meio de nossa contribuição. Podemos ajudar a encerrar a vergonhosa fase do colonialismo e iniciar um capítulo humano na história universal.

Ver no telephone, Adicione a sua assinatura ao Apelo



Para informação adicional, enviar email a preguntas@larouchepub.com